



Entre pensamento, arte e etnografia: o gume crítico da revista *Documents*¹

Through Thought, Art and Ethnography: The Critical Edge of Documents Magazine

Marília Rothier Cardoso

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), Rio de Janeiro, Rio
de Janeiro / Brasil

mariliarothier@gmail.com

Resumo: A publicação, em português, nos meados de 2018, do volume *Documents*, reunião dos ensaios e dos verbetes de um “dicionário crítico” redigidos por Georges Bataille, secretário geral da revista do mesmo título (1929-1931), traz subsídios importantes para a crítica brasileira. Os textos foram traduzidos criteriosamente por professores-pesquisadores especializados, garantindo o destaque das relações estreitas entre belas artes, arqueologia e etnografia – aspecto caracterizador do periódico francês. Como pensador especialmente arguto, anticonvencional e inventivo, Bataille pode abrir novas perspectivas epistemológicas e estéticas para a avaliação de escritas provenientes de culturas híbridas ou mesmo predominantemente não ocidentais, hoje circulantes ao lado dos cânones filosóficos e literários. Neste artigo, comentam-se aspectos do material, agora acessível, experimentando o contraponto das questões nele levantadas há cerca de noventa anos, com registros e reelaborações literárias de mitologia, postos em circulação a partir de espaços periféricos, trazendo a dicção e/ou a assinatura de ameríndios e afrodescendentes.

Palavras-chave: etnografia; crítica literária; Bataille; *Documents*; escritas ameríndias e afrodescendentes.

¹ Agradeço a Consuelo Ribeiro e Francisco Camêlo a interlocução amigável e interessada durante o preparo deste artigo.

Abstract: The mid-2018 publication, in Portuguese, of the volume *Documents* – a collection of the essays and entries in a “critical dictionary” written by Georges Bataille, editor of the homonymous magazine (1929-1931) –, provides important tools for Brazilian criticism. The texts were carefully translated by specialized professor-researchers, highlighting the close relationship between fine arts, archeology and ethnography – characteristics of the French periodical. As a particularly witty, unconventional and inventive thinker, Bataille may open new epistemological and aesthetic perspectives for the evaluation of writings from hybrid or even predominantly non-Western cultures, now current alongside the philosophical and literary canons. This article discusses aspects of the now accessible material, exploring the counterpoint of questions raised about ninety years ago, with records and literary reworkings of mythology, put into circulation from peripheral spaces, featuring the diction and/or the signature of Amerindians and Afro descendants.

Keywords: ethnography; literary criticism; Bataille; *Documents*; Amerindian and Afro descendant writings.

Em meados de 2018, a editora Cultura e Barbárie publicou os textos escritos por Georges Bataille nos quinze números de *Documents*, mantida em circulação entre abril de 1929 e janeiro de 1931. Esse intelectual francês, dissidente do surrealismo, especialista em numismática e, à época, iniciando uma carreira literária, foi quem traçou, como secretário geral, a linha instigante e polêmica do periódico. Os professores João Camillo Penna e Marcelo Jacques de Moraes traduziram essa série de pequenos ensaios, numa linguagem de grande precisão, convencidos de que seria mais que oportuna uma interferência mais direta desse momento da escrita batailliana no debate brasileiro atual. Se bem observado, o interesse dos anos trinta pelas culturas não ocidentais – em diálogo desafiador com a sociedade europeia moderna – amplia os horizontes de nossa crítica, confrontada hoje pela multiplicação das escritas ditas periféricas, seja mediadas por antropólogos, seja assinadas por indígenas e herdeiros de tradições africanas, decididos a divulgar suas perspectivas de construção do saber e operação com o mesmo.

A noção de contemporaneidade proposta por Agamben,² chamando atenção para afinidades extracronológicas entre linhas de pensamento,

² “Nietzsche situa a sua exigência de ‘atualidade’, a sua ‘contemporaneidade’ em relação ao presente, numa desconexão e numa dissociação. Pertence verdadeiramente ao seu tempo, é verdadeiramente contemporâneo, aquele que não coincide perfeitamente

serve à leitura iluminadora dessa revista que, trazendo – segundo a tendência da época – os subtítulos “doutrinas, arqueologia, belas artes, etnografia”, estabelecia contrapontos, propositadamente intempestivos, entre conceitos hegemônicos da história da filosofia e mitos, costumes ou imagens rituais de sociedades arcaicas. Esses contrapontos, apresentados verbal e visualmente de modo a chocar o leitor, atenderam ao projeto de Bataille, voltado para a transformação de uma revista de arte em veículo questionador. Alternando-se com artigos encomendados a especialistas, inseriram-se verbetes de um “dicionário crítico” – redigido, em sua maioria, pelo próprio Bataille – em sequência aleatória, tamanhos variados e ilustração fotográfica abundante. Na contramão dos dicionários convencionais, orientava-se por um olhar desconstrutor. Enquanto as frases sugeriam distorções nos objetos tratados, desvendavam-lhes os traços ridículos ou decompunham-nos em aspectos desagradáveis, as fotografias, resgatadas de álbuns antigos ou tomadas em *closes* ampliados, desafiavam noções estabelecidas e padrões estéticos.

Apropriando-se das palavras e da diagramação da própria capa da revista francesa de 1929-1931, esta tradução brasileira da escrita do jovem Bataille dá destaque à independência ousada com que seu pensamento começava a interferir nos debates voltados para a dimensão política da filosofia e da arte. Pode-se perceber – através da apresentação e posfácio dos textos reeditados em português – a segurança desta tomada de posição crítica atentando para a defesa radical da vertente materialista contra o idealismo predominante entre teóricos, críticos e artistas, até mesmo quando cabeças de grupos de vanguarda. Dada tal circunstância, foi decisivo o cuidado com a materialidade do volume onde se reúnem os escritos bataillianos. Ao recompor, na coletânea, o aspecto visual das páginas dos números onde os mesmos se inseriram, fazendo-os acompanhar de todas as imagens escolhidas pelo autor, os tradutores e editores permitem que o leitor brasileiro, afetado pela força desses documentos em sua peculiaridade disruptiva, transportem para o presente os alertas, lançados, em primeira mão, há cerca de noventa anos.

Na qualidade de professores universitários, os tradutores, que se encarregaram do posfácio, assumiram a independência batailliana

com este, [...] por isso, exatamente através [...] desse anacronismo, ele é capaz [...] de perceber e apreender o seu tempo” (AGAMBEN. *O que é o contemporâneo? E outros ensaios*, p. 58, 59).

frente à tradição acadêmica e construíram seu ensaio de modo que o público atual de especialistas e estudantes pudesse reconstituir o efeito, relativamente precoce, produzido pela ação descolonizadora, àquela altura operada por dissidentes, como Bataille, do movimento surrealista. Assim, nas páginas finais do volume, inscreve-se a trajetória do interesse etnográfico em expansão que, por meio do emprego arguto das lições de Métraux, Durkheim, Mauss e, principalmente, das expedições investigativas de Leiris, Griaule, Caillois – com destaque para a viagem ao México de Artaud –, resultaram num gesto descentralizador da parte viva da inteligência europeia.³ Para dar conta dessa atividade dupla, foram escolhidas passagens mais incisivas dos textos de Bataille, onde se ressalta o desvio decisivo dos padrões epistemológicos e estéticos vigentes. A articulação desierarquizada entre palavras e imagens, em potente “diálogo intersemiótico”⁴ mostra-se como uma evidência da ruptura do periódico com a orientação surrealista, ponta de lança da vanguarda, à época. Para *Documents*, no entanto, o conceito de arte dos seguidores de Breton peca pelo idealismo inegável de seus fundamentos. A referência a “Figura humana” (artigo do nº 4), por exemplo, aponta, aos leitores, de um lado, o emprego proposital de vocabulário grosseiro para reforçar a discordância da perspectiva hegeliana e, de outro, o ridículo óbvio apontado pela seleção de várias fotografias e gravuras, definidoras da autoimagem de que a burguesia do século XIX se orgulhava e ainda persistia na sociedade francesa dos anos trinta. A estratégia editorial de Bataille, seguida na edição brasileira, resiste ao idealismo herdado pela combinação do trabalho argumentativo com o choque visual. Prova de sua eficácia são os revides de André Breton rastreados e citados pelos autores do posfácio.

Em consonância com o posfácio assinado pelos tradutores, o volume é aberto com o ensaio de Denis Hollier, feito para a reimpressão, em 1991, dos quinze volumes de *Documents*, organizada por esse especialista no período inicial da carreira de Bataille, reagindo ao avanço do fascismo. Trata-se do momento em que o escritor, sem abandonar seu trabalho convencional como numismata, desviava-se para atividades paralelas de interferência política imediata através da edição de revistas (*Documents* e *Acéphale*), da constituição temporária de uma comunidade

³ PENNA; MORAES. Posfácio, p. 262.

⁴ PENNA; MORAES. Posfácio, p. 257.

secreta (a conjuração sagrada acéfala) e das conferências públicas do Colégio de Sociologia. Dando conta dos pressupostos bataillianos, aí defendidos (e desdobrados nas décadas seguintes, solitariamente, pela escrita, entre outros, de *A experiência interior*, *O erotismo*, *A parte maldita*), Hollier aponta o materialismo, o emprego das táticas de choque, o questionamento do conceito de real através do deslocamento da noção de fetiche e o descrédito da estética clássica – tudo por via do contágio da pesquisa etnográfica, que divulgava saberes não ocidentais, ditos arcaicos ou selvagens.

Tanto na abertura traçada pelo pesquisador francês, quanto no fecho assinado pelos tradutores brasileiros, é fundamental, para a linha instaurada pela revista, a tarefa de revisão das referências epistemológicas estabelecidas. Se as “doutrinas” passam por rigoroso crivo crítico, as informações colhidas na “arqueologia” e na “etnografia” devem provocar a explosão do conceito de “belas artes”, visando a ultrapassagem definitiva do idealismo estético. Daí a importância estratégica do título: “Documentos”. O panorama atualizado do conhecimento, oferecido pelo novo periódico – em correspondência com as exposições do Museu do Trocadéro –, oferece comentários e imagens de objetos totalmente livres dos critérios clássicos de beleza bem como do “valor de troca utilitário”,⁵ explorado pela vanguarda que se insere no mercado. Na contramão da prática de numismatas, críticos de arte e adeptos do surrealismo, os documentos, escolhidos por Bataille para compor os quinze números da revista, valem-se da perspectiva etnográfica e, assim, constroem “o modelo de uma arte de pura perda”.⁶ Lança-se um desafio aos marxistas e ao idealismo dos eruditos para que o estatuto da arte, aí documentada, implique em “dispêndio inútil”⁷ tal como os sacrifícios indispensáveis aos rituais sagrados.

⁵ HOLLIER. O valor de uso do impossível, p. 17.

⁶ PENNA; MORAES. Posfácio, p. 264. Na página 261 do mesmo texto, lê-se: “A soberania do sacrifício como modelo artístico totalizante que imantaria toda a sociedade [...], o sacrifício como engendramento da comunidade, na linha de Durkheim, corresponde à situação da morte catastrófica do monarca, ou de Deus, pensados como a mesma coisa” (PENNA; MORAES. Posfácio, p. 261).

⁷ Noção cunhada criteriosamente por Bataille no ensaio “A noção de despesa”, em geral, incluído, na tradução em português, no volume *A parte maldita* (1975). Já na edição de 2013, o título foi traduzido, talvez para maior clareza, como “A noção de dispêndio”.

Outra face da ideia de “documento”, igualmente decisiva para o conceito elaborado por Bataille, consiste, segundo Denis Hollier, em “restitui[r] o real fac-similado, não metaforizado, não assimilado, não idealizado”.⁸ Impessoal e anônimo, o documento impacta o observador, “como o faria um trauma”, porque “não foi assimilado pela metaforização estética”.⁹ A radicalidade com que se opta por esse prisma de enfoque do “documento” reforça a distância entre a base epistemológica, firmada por Bataille, e o marxismo. Tomando o “valor de uso” pela definição etnográfica, descarta-se a noção de “fetichismo da mercadoria”. É ainda Hollier que explica: “quando [a revista] invoca o fetichismo é, ao contrário, sempre contra a mercadoria. O fetichismo é o objeto insubstituível, intransponível”.¹⁰ É “um realismo absoluto: ele põe em jogo desejos reais, em bairros reais, com objetos reais”.¹¹ Companheiro de Bataille, nas empreitadas de *Documents*, *Acéphale* e do Colégio de Sociologia, Michel Leiris observa que o fetichismo, enquanto característica da arte, raramente se encontra nas obras apresentadas como tal.¹²

Esse apanhado breve dos traços potentes que singularizam o trabalho editorial desenvolvido por Bataille, na revista de 1929-1931, evidencia a atualidade da reviravolta epistemológica e estética, que, deslanchada no início do século passado, prepara e reforça a função intercessora que a antropologia realiza, hoje, como crivo crítico do pensamento ocidental. Em plena crise do antropocentrismo e diante da iminência de desastres ambientais, os pesquisadores do século XXI buscam aperfeiçoar instrumentos para a recepção livre de preconceitos dos documentos – escritos, filmados ou performados por grupos que ainda preservam padrões arcaicos ou selvagens – de conhecimento e práticas sociais. No passado, ao lado de seu trabalho editorial, Bataille inseriu em *Documents* dois tipos de textos – ensaios em que exercia a tarefa crítica, destacando os traços da sociedade moderna de modo a estranhá-los, como se os focasse pelo olhar etnográfico, e verbetes anticonvencionais propostos como desconstrução das definições e conceitos que sustentam, historicamente, a hierarquia dos seres existentes. Em ambos os casos,

⁸ HOLLIER. O valor de uso do impossível, p. 29.

⁹ HOLLIER. O valor de uso do impossível, p. 29.

¹⁰ HOLLIER. O valor de uso do impossível, p. 29.

¹¹ HOLLIER. O valor de uso do impossível, p. 31.

¹² Cf. HOLLIER. O valor de uso do impossível, p. 32.

lançava mão dos resultados de pesquisa de campo em sociedades selvagens para confrontar a ciência e o senso comum dos centros imperialistas. Seu tom incisivo e até indignado aproximava-se do efeito desconcertante das fotografias, estampadas como testemunhas de hábitos chocantes e experiências violentas. Aí, o poder questionador da alteridade, mesmo expressivo, ainda se exercia mediado pelas estruturas disciplinares do ocidente. Agora, ao lado da mensagem dos veículos científicos, contamos com a palavra direta do Outro, que põe seus registros verbais ou visuais para circular, enquanto documentos de mundos impensados, ausentes de nossos limites epistemológicos. O retorno, via tradução, da atividade anticonceptualista de Bataille pode indicar o viés adequado para o trabalho decifrador, que nos cabe, de documentos compostos pelo rigor de critérios que nos parecem impensáveis.

É certo que cada época encontra sua linguagem própria de expor suas perplexidades e traçar linhas de fuga possíveis. Levando em conta que a radicalidade do estilo questionador batailliano reduz a distância entre o pensamento rebelde dos meados do século XX e as urgências da ação mental e prática na virada para este, experimenta-se o exercício de ler, lado a lado, ensaios e verbetes da revista francesa e amostras das publicações vindas da periferia da cultura hegemônica. Parece que um ponto de partida satisfatório é a iniciativa de Umúsin Panlõn Kumu e Tolomãn Kenhíri, pai e filho, do grupo ameríndio Desâna do rio Negro, de registrar por escrito e traduzir em português sua mitologia. No fim dos anos sessenta, o objetivo do mais velho, o tuxaua, foi preservar o conhecimento de seu povo; coube ao mais jovem, alfabetizado e bilíngue, dar concretude ao propósito. O conjunto de cadernos manuscritos e ilustrados com os desenhos de um parente, material resultante da empreitada, contou com a disponibilidade da antropóloga Berta Ribeiro, que cuidou da publicação em livro – *Antes o mundo não existia* (de 1980, publicado pela Livraria Cultura Editora). Partes escolhidas do longo e surpreendente encadeado mítico soam instigantes se considerados em contraponto a um dos ensaios mais conhecidos de Bataille, “O baixo materialismo e a gnose”, inserido no primeiro número de 1930 da revista *Documents*.

Ficou claro, nos parágrafos iniciais, o decisivo anti-idealismo dos ensaios e verbetes. Dissidente do cânone filosófico, Bataille fazia da atividade pensante uma tarefa não utilitária nem disciplinar, de algum modo semelhante ao empreendimento dos índios Desâna. Se é viável instrumentalizar-se com narrativas ameríndias para abalar o

prestígio do racionalismo antropocêntrico, cabe, de igual modo, seguir a vertente desbravadora do resgate de imagens e mitos do passado europeu, contaminados por fabulações orientais e, assim, fugir aos parâmetros da história da filosofia. Para ressaltar o impacto das noções gnósticas, formadas por grande heterogeneidade de heranças sagradas, a revista estampa medalhas dos séculos II e III d. C., reproduzindo figuras estranhas, onde corpos humanos acéfalos compõem-se com cabeças de animais, numa mistura repugnante aos princípios elevados do cristianismo e da metafísica modernos. Interessava mostrar que

[...] a gnose, tanto antes quanto depois da predicação cristã, e de uma maneira quase bestial, [...] introduzia na ideologia greco-romana os fermentos mais impuros, [...] acrescentava a tudo isso seus sonhos próprios, expressando sem a menor deferência algumas obsessões monstruosas; não lhe repugnavam, na prática religiosa, as formas mais baixas [...] da magia e da astrologia [...].¹³

Por sua vez, o relato em português, semeado de termos em língua desâna, destoa do raciocínio científico e da gênese judaico-cristã, seja pela multiplicidade de entes divinos, seja pela identidade feminina daquela que desencadeou a cena da criação. Ademais, estabelece-se a dimensão do espaço de modo inesperado para a lógica ocidental e, na falta de referências espirituais, são os “enfeites” – elementos materiais aparentemente acessórios – que, antes “invisíveis”, materializam-se, formando os primeiros abrigos. A potência inventiva atribui-se à inalação de substâncias alucinógenas. O pensamento criador resulta em imediata materialidade:

No princípio o mundo não existia. As trevas cobriam tudo. Quando não havia nada, brotou uma mulher de si mesma. Surgiu suspensa sobre seus bancos mágicos e cobriu-se de enfeites que se transformaram em uma morada [...]. Ela própria se chamava Yebá bëló (terra, tataravó), ou seja, avó do universo. // [...] Essa mulher, depois de ter aparecido, pensou como deveria ser o futuro mundo. [...] Enquanto pensava, mascou ipadu¹⁴ mágico e fumou cigarro mágico.

¹³ BATAILLE. *Documents*, p. 155, 157.

¹⁴ Ipadu = coca, em língua geral (nota da edição usada).

Seu pensamento começou a tomar forma e levantar-se como se fosse uma esfera, culminando numa torre. [...] Depois ela quis povoar essa grande casa. [...] Tirou o ipadu da boca e o fez transformar-se em homens: os ãmêkho ñehké semá (universo, avós, muitos), os cinco trovões chamados *etãn bê weli mahsá* (quartzo que são gente).¹⁵

Embora não haja nenhuma proximidade histórico-geográfica entre os saberes gnósticos da Europa e a mitologia dos índios amazônicos, o papel da evocação de ambos, como crivo crítico à epistemologia ocidental, torna-se equivalente, pois abala a superioridade da linguagem científica tanto quanto a hierarquia entre as classes de seres vivos. Se, como vimos acima, Bataille propunha um horizonte de “realismo absoluto”, que definia como “fetichista” porque seria “instituível” e “intransponível”,¹⁶ a evocação de ritos e o uso de fotos ou reprodução de medalhas, em seus textos, estavam livres da metaforização e estetização com que costumam ser domesticados. Nesse caso, redobra-se a força do registro mítico, feito da perspectiva selvagem¹⁷ que desconhece a diferença entre sentido literal e metafórico. O empenho indígena em preservar seus mitos torna-se, assim, uma atitude política consequente, visando impedir a interpretação dos mesmos como figura poética que remete à explicação científica. Enquanto o “baixo materialismo” dos gnósticos serviu a Bataille para desqualificar as “aspirações ideais humanas” e as “grandes máquinas ontológicas”¹⁸ que daí resultam, a mitologia desãna pode servir aos argumentos atuais para rever as relações de gênero e entre espécies. Atente-se para o fato de que, produzindo a iluminação do universo recém-criado, Yebá bêlô “enfeitou a ponta do bastão com adornos masculinos e femininos [...]. Com esses enfeites, [...], a ponta do bastão assumiu um rosto humano, dando luz onde havia escuridão até os confins do mundo. Era o sol que acabava de ser criado”.¹⁹ O passo seguinte, para preparar

¹⁵ KUMU; KENHÍRI. *Antes o mundo não existia*, p. 51, 51.

¹⁶ HOLLIER. O valor de uso do impossível, p. 31.

¹⁷ Entenda-se o emprego do termo “selvagem” numa exploração irônico-crítica da ambiguidade, que foi desenvolvida através dos tempos. Da posição de alteridade contrária a “civilizado” (sinônimo de “bárbaro”) ao descarte recente desse par etnocêntrico, “selvagem” ganhou a equivalência com indomesticável, rebelde, soberano.

¹⁸ BATAILLE. *Documents*, p. 161.

¹⁹ KUMU; KENHÍRI. *Antes o mundo não existia*, p. 55.

o surgimento da humanidade, foi transformar um dos homens-trovão, Ęmĕkho ñehké “em uma cobra gigantesca, cuja cabeça parecia a proa de um batelão: [...] a canoa transformadora da humanidade. Ęmĕkho sulân Panlâmin, o Criador, e Ęmĕkho mahsân Boléka, o chefe de todos os Desâna, eram os comandantes dessa cobra-gigante-canoa”.²⁰ Também se observa que, enquanto Bataille aproveita o “baixo materialismo” dos gnósticos para quebrar a solenidade idealista arraigada ao pensamento do ocidente, a fabulação da origem, entre esses ameríndios, contrabalança a força grandiosa, atribuída aos entes criadores, trazendo o nascimento dos homens para uma cena onde os corpos beiram posições abjetas:

O trovão mandou que cada um deles tirasse uma folha nova [de ipadu] e a engolisse. Quando sentissem dor na barriga, acendessem o turi, o molhassem numa cuia d’água, bebessem o conteúdo, tratando de vomitar num só buraco, dentro do rio. Os dois heróis assim fizeram. Ao vomitar, apareceram duas mulheres muito bonitas. [...] O vômito deles era como um parto que fez aparecer as primeiras mulheres.²¹

O recuo da pesquisa batailliana ao passado remoto da grande influência dos gnósticos como recurso anti-idealismo tem, em contrapartida, a atenção voltada para o passado imediato dos fins do século XIX quando, através da expansão da fotografia, registraram-se as atividades da burguesia francesa nas mais variadas poses e excentricidades da moda. Colecionando e expondo muitas dessas imagens, redigiu o ensaio “Figura humana”, onde resalta o ridículo da sociedade moderna. Nos anos trinta, como hoje, a crítica mais atilada e rigorosa, do lado da cultura ocidental, examina a produção de saber de outras culturas no desejo de abrir perspectivas que revertam as bases epistemológicas de nosso pensamento. De sua parte, Bataille observava registros de seus antecedentes em eventos sociais – imagens cuja pretenciosa formalidade parecia-lhe desconcertante – e, diante deles, investia contra “o próprio princípio de nossa atividade mental mais civilizada e mais violenta”.²² A fotografia de um casamento provinciano desencadeia este desabafo:

²⁰ KUMU; KENHÍRI. *Antes o mundo não existia*, p. 61.

²¹ KUMU; KENHÍRI. *Antes o mundo não existia*, p. 58.

²² BATAILLE. *Documents*, p. 88.

[...] se quisermos, de maneira simbólica, o par matrimonial, entre outras coisas, como o pai e a mãe de uma revolta selvagem e apocalíptica, uma justaposição de monstros que se engendrariam incompatíveis substituiria a pretensa continuidade de *nossa* natureza.²³

Já na virada do século XX para o XXI, os discursos ditos periféricos que entram em circulação buscam assumir, eles próprios, o papel desempenhado pela etnografia e, em confronto com os padrões modernos, preservar suas construções epistemológicas como garantia não só da visibilidade de suas culturas mas também como instrumento de interferência no modo de gerir as relações entre sociedade e natureza.

Na bibliografia brasileira atual, encontram-se coletâneas de narrativas ameríndias e afrodescendentes que funcionam quer como ações preservadoras de saberes ameaçados, quer como abertura do horizonte de conhecimento para o conjunto da população. Em 1995, através da chancela da Comissão Pró-Índio do Acre, publicou-se *Shenipabu miyui – História dos antigos*, uma série de mitos kaxinawá, quase todos de tema etiológico, coletados e traduzidos pelos professores bilíngues das aldeias do extremo noroeste na fronteira com o Peru. No que concerne a material semelhante, voltado para as tradições afro-brasileiras, em 2002, saiu a 2ª edição de *Caroço de dendê*, histórias contadas por Mãe Beata de Yemonjá (líder religiosa e ativista de direitos das mulheres), com introduções de pesquisadores acadêmicos. Os breves relatos míticos, escritos pelos professores acreanos e pela ialorixá da Bahia (exercendo suas atividades no Rio de Janeiro), tratam das relações entre humanos e outras ordens de seres; deixam evidente seu gume crítico e autocrítico. Marcando a diferença entre os elementos incluídos nas histórias arcaicas e seus equivalentes registrados nas fotografias modernas, pode-se mencionar, como exemplo, os enfeites femininos e contrastar as fotografias das atrizes, tornadas famosas na França por suas toaletes excessivas, com a “mocinha muito pobre e feia”, protagonista de “A pena do ekodidé”,²⁴ narrada por Mãe Beata.

Se nos dois contextos aqui postos em paralelo trata-se de questionar a ordem social através da função feminina (seja sua situação no casamento ou suas atitudes como personalidade de referência), mesmo

²³ BATAILLE. *Documents*, p. 88.

²⁴ YEMONJÁ. *Caroço de dendê*: a sabedoria dos terreiros, p. 43, 44.

reconhecendo-se a relativa ocidentalização das estórias baianas, percebe-se o quanto os penachos das toaletes das atrizes reduzem-se ao ridículo, enquanto os presentes dados à noivinha feia indicam a apreensão de forças operadoras de transformações. Os objetos de valor e os conselhos oferecidos para mudar a sorte da moça – “Você come o obi e o resto passa no corpo. A pena de ekodidé você coloca na testa como enfeite [...]”²⁵ – correspondem a interferências subversivas na lógica dos interesses hegemônicos. Se casar-se com o príncipe, no contexto da estória, parece submeter-se às condições machistas, a aparição da deusa Oxum, no desfecho, tratando a escolhida como sua “filha”, aponta para a agência de forças alternativas que revertem o padrão social predominante. Entre as penas que compuseram as asas com que as atrizes oitocentistas brilharam nos palcos parisienses e a pena que enfeitou a testa da mocinha acolhida por Oxum, vai a distância entre a estética e o raciocínio colonizadores e a afirmação frágil, mas potente das ações de resistência.

A indignação de Bataille, diante das imagens da “figura humana”, herdadas por sua geração de europeus, volta-se contra a “vulgar voracidade intelectual a que devemos tanto o tomismo quanto a ciência atual”, indicadora inequívoca da “desproporção geral entre o homem e a natureza”.²⁶ Em contraste, a “[h]istória de um homem muito sovina – *Yawa Xiku Nawa*”,²⁷ integrante dos mitos acreanos, condenando o que se poderia chamar a concentração de riquezas, trata a colaboração entre humanos e animais – no caso, pássaros, em especial – como meio de reequilibrar a distribuição dos meios de subsistência. Para mostrar que, “com nossos antepassados aconteceu assim”,²⁸ a narrativa descreve a situação de penúria de todos os “parentes” e a maldade de *Yawa Xiku Nawa*, o único a que restavam os legumes e o fogo, que se recusava a repartir suas mudas e sementes. Só com a ajuda dos bichos ditos “encantados” foi que se evitou a fome: o *Txu Txu* “conseguiu o talo de macaxeira”, o calango escondeu milho “debaixo da língua”,²⁹ a curica, mesmo agredida com a lenha em brasa, conseguiu carregar a brasa no bico (“Foi neste dia que a curica queimou o bico dela quase todo, ficando

²⁵ YEMONJÁ. *Caroço de dendê*: a sabedoria dos terreiros, p. 43.

²⁶ BATAILLE. *Documents*, p. 88.

²⁷ MONTE; KAXINAWÁ. *Shenipabu miyui*: História dos antigos, p. 120.

²⁸ MONTE; KAXINAWÁ. *Shenipabu miyui*: História dos antigos, p. 120.

²⁹ MONTE; KAXINAWÁ. *Shenipabu miyui*: História dos antigos, p. 121.

com ele bem curtinho”).³⁰ Araras e outros passarinhos ajudaram a reavivar o fogo. Para castigar o homem sovina, insetos e aves participaram do assassinato dele e molharam seus corpos com o sangue e o fel do morto: “Foi assim que os pássaros se espalharam, cada qual com sua característica diferente e seu canto próprio”.³¹

Enquanto numismata de profissão e leitor interessado tanto nas obras de Mauss e Durkheim, responsáveis pela consolidação da sociologia francesa, quanto nos resultados das expedições às geografias selvagens, apresentados por seus amigos etnógrafos (Caillois, Griaule, Leiris), Georges Bataille trazia para as páginas de *Documents* costumes, atividades e produções artísticas de culturas arcaicas e selvagens, na forma de fotografias, desenhos, citações bibliográficas e descrições de costumes e ritos. Nessa linha de trabalho, em maio de 1929 examinou, num manuscrito da Biblioteca Nacional, os fôlios do *Apocalypse de Saint-Sever*, datando de algum momento entre os anos 1028 e 1072. Parte do interesse deste são as pinturas que o acompanham, feitas possivelmente por Stephanus Garsia, com inegável traço espanhol que denuncia a influência do oriente. Ao registrar essa informação técnica sobre as artes medievais, o ensaísta insiste que

se os árabes influenciaram a composição de um manuscrito como esse, foi [...] por alimentarem guerras selvagens, prelúdios, para seus inimigos, das cruzadas, guerras religiosas de todo modo facilmente interpretáveis, por volta do ano 1000, como sinais dos tempos, como hecatombes cheias de sentido, análogas às sangrentas punições do Apocalipse.³²

Entre nós, brasileiros de hoje, uma mensagem, também apocalíptica, tem causado impacto – as palavras do xamã yanomami, Davi Kopenawa, transcritas e reunidas pelo antropólogo Bruce Albert e publicadas (em tradução brasileira) em 2015. O xamã, preocupado igualmente com os sinais dos tempos, indicados pela voracidade com que aqueles que chama de “brancos” – madeireiros, exploradores de minérios, criadores de gado e missionários cristãos – dizimam a floresta,

³⁰ MONTE; KAXINAWÁ. *Shenipabu miyui*: História dos antigos, p. 123.

³¹ MONTE; KAXINAWÁ. *Shenipabu miyui*: História dos antigos, p. 125.

³² BATAILLE. *Documents*, p. 57.

revela nada menos do que a iminência da “queda do céu”. Enquanto, na leitura de Bataille, os desenhos, que acompanham o texto do manuscrito medieval, atraem por certo humor grosseiro – misto de uma criancice “ridícula ou encantadora” e da “obscura crueldade dos adultos”,³³ o livro do militante indígena e do antropólogo é marcado por igual teor de violência. Seu resultado é altamente perturbador, pois, em vez de narrar a hecatombe do passado, profetiza, com ênfase, a destruição do mundo, num futuro muito próximo. Se os argumentos do saber indígena soam infantis aos ouvidos insensíveis de empresários e governantes imersos na lógica capitalista, é impossível negar a pertinência de suas preocupações diante dos fatos apontados pela ciência ambiental e pela própria observação jornalística. Para Kopenawa, a “figura humana”, na versão dos invasores da floresta tropical, além de ridícula, é assustadora; sem se dar conta, acelera o fim do mundo.

É possível aproximar a radicalidade das posições tomadas por Bataille (como escritor e na editoria de revistas) da urgência aflita de Kopenawa, urgência que se impõe à escrita de seu mediador, o antropólogo francês. Para o olhar crítico do conhecedor de sociedades distintas da sua própria, a longa hegemonia do saber ocidental, servindo de justificativa ao avanço das ações imperialistas, causa enorme incômodo. Fica patente que o avanço dos interesses do mercado capitalista não desconsidera apenas o conhecimento dos povos avessos à exploração destrutiva da natureza. Até a própria ciência moderna é descartada em prejuízo do futuro. Cabe lembrar, aqui, a indignação de outro antropólogo – Eduardo Viveiros de Castro, que prefacia³⁴ a edição brasileira do livro de Kopenawa e Albert. A veemência de seu texto assemelha-se à de Bataille, nos anos de entreguerras. Como formulador do perspectivismo ameríndio, Viveiros de Castro formalizou, em termos etnológicos, a percepção dos araweté de que a agência humana é paralela à dos outros seres – como animais e espíritos –, marcando, assim, a posição anti-anthropocêntrica da maioria dos grupos indígenas amazônicos. A potência desse pensamento desviante, com que o antropólogo confronta seus companheiros ocidentais (e ocidentalizados), repete o impacto que a figura do acéfalo provocou na fatia atenta da sociedade francesa nos anos 1930. Então, como agora,

³³ BATAILLE. *Documents*, p. 58.

³⁴ Cf. VIVEIROS DE CASTRO. O recado da mata, p. 11-41.

artistas e pensadores, resistentes ao saber instituído, fazem circular noções contraditórias transportadas de sociedades periféricas e arcaicas.

Interessa a Bataille, no caso das considerações sobre o manuscrito antigo e suas ilustrações instigantes, em evidente diferença com a interpretação moderna do cristianismo, o tratamento plástico, entre *naif* e orientalizante, de passagens da bíblia, envolvendo estados alterados e situações de exceção como “O sonho de Nabucodonosor”, “O dilúvio”, “O demônio e os gafanhotos “ e “O combate entre o unicórnio e o carneiro”, enquanto relato de uma visão do profeta Daniel. Nota-se que a dimensão do sagrado, por volta do século X, na Europa, escapava à rigidez da racionalização posterior. Guardadas as enormes diferenças entre as personagens e eventos do sagrado cristão e do sagrado ameríndio, esta dimensão onírica e delirante é um aspecto em comum, que pode ser tratado através das noções de “experiência interior” (despersonalizada), “êxtase” e “dispêndio” de energia vital sem expectativa de ganho ou lucro – noções caras ao pensamento rebelde batailliano.

Sempre decidido a informar-se sobre modos alternativos de conhecer e agir, Bataille certamente se interessaria pela comparação das perspectivas indígena e ocidental, registradas por Kopenawa, como parte de sua campanha pela preservação da floresta, desenvolvida na tentativa de convencimento dos “brancos” para que considerem e adotem a epistemologia ameríndia. No capítulo, “As flores do sonho”, o xamã (através do registro de Albert) aponta a diferença significativa entre a construção do conhecimento no ocidente moderno e na sociedade arcaica da floresta tropical. Ao saber propiciado por visões supranaturais, desencadeadas pela “força do pó de *yãkoana*”,³⁵ contrapõe-se a racionalidade da ciência, que se registra verbalmente, por escrito. Diante das consequências funestas da intervenção moderna em suas terras, os índios só podem deplorar esse modo destrutivo de relacionar-se com a natureza:

[...] apenas quem toma *yãkoana* pode de fato conhecer a floresta. Nossos antigos faziam dançar todos esses espíritos desde o primeiro tempo. Eles nada sabiam do costume do branco de desenhar suas palavras. Estes, por sua vez, ignoravam tudo das coisas da floresta, pois não são capazes realmente de vê-las. [...] Os brancos [...] não param de fixar seu olhar sobre os desenhos de suas falas

³⁵ KOPENAWA; ALBERT. *A queda do céu*: palavras de um xamã yanomami, p. 455.

colados em peles de papel e fazê-los circular entre eles. Desse modo, estudam apenas seu próprio pensamento e, assim, só conhecem o que está dentro deles mesmos [...] Se tentassem escutar de vez em quando as palavras dos *xapiri*, seu pensamento talvez fosse menos tacanho e obscuro.³⁶

Nos ensaios e verbetes bataillianos, assim como em toda a concepção temática e gráfica de *Documents*, fica patente que as graves reservas ao racionalismo moderno integram uma visão ampla de desconfiança ante o antropocentrismo. Observa-se o largo emprego da tática de descrever a atividade humana sempre em contraponto com a vida do animal. Também, o gosto pelo resgate da escrita e da arte de tempos arcaicos, quando a convivência entre as espécies era mais estreita. Em paralelo, certa atração indisfarçável por apontar deslizos e ridículos do comportamento dos homens. As fotografias, que acompanham o ensaio “Figura humana” são eloquentes, nesse sentido, assim como a inclusão de três textos que exacerbam as idiossincrasias de partes do corpo humano: os verbetes tratando de “Olho” e “Boca”, mais o artigo, de título inesperado, “O dedão do pé”. A imagem dos humanos, que aí se delinea, é antes desqualificante do que positiva; o corpo de homens e mulheres não mostra nenhum traço de elegância maior do que o dos bichos. Munido da história, da etnografia e da crítica de arte, Bataille destitui o homem de seu posto superior. Assim, encaminha os pesquisadores a leituras autocríticas das cenas cotidianas protagonizadas pelos humanos. É este mesmo o prisma escolhido pelo conto “A unha encravada e o esmalte”, inserido no livro *Reza de mãe*, que traz a assinatura de Allan da Rosa – integrante “desde o princípio [d]o movimento de Literatura Periférica de São Paulo”, “angoleiro” e especialista em pedagogia, cuja tese combina princípios da didática moderna com práticas da cultura afro-brasileira.³⁷

Embora se escreva na primeira pessoa da ficção narrativa, o conto de Allan da Rosa realiza, também, à sua maneira, a função de um dicionário crítico. Ao francês padrão de Bataille, no qual se encaixam algumas expressões grosseiras e grotescas, corresponde, na estória brasileira recente, um coloquial avesso à gramática e marcado por gírias populares. Ainda assim, exprime-se com a sofisticação da arte, que se engendra para questionar o senso comum. Com o título banal de “A unha

³⁶ KOPENAWA; ALBERT. *A queda do céu: palavras de um xamã yanomami*, p. 455.

³⁷ ROSA. *Reza de mãe*, p. 101.

encravada e o esmalte”, o texto compõe um painel com dez trípticos breves, compostos de fragmentos narrativos. Cada pequeno bloco tematiza uma parte do corpo, em três perspectivas – mão, pé, tornozelo, unha, peito, boca, olho, costas, joelho, nariz. Para o contista, como para o pensador, a avaliação crítica do conhecimento – em suas dimensões epistemológica, estética e política – situa-se no corpo, não pode ignorá-lo. O recurso erudito à história e à etnografia, em *Documents*, traduz-se, no livro de Allan da Rosa, no desdobramento das autodescrições em três vertentes, marcadas ora pelas referências da moda e do mercado (indiretamente ridicularizadas pela dicção marginal), ora pelo viés do ativismo político, ora pelo tom afetivo e íntimo da vida familiar. Usando jargão e clichês argutamente, Allan da Rosa inscreve a investigação dos espaços sociais em seu exercício de humor ficcional.

A sofisticação marca o verbete “Olho”, item do “dicionário crítico”, que trata da sedução, dobrada em horror: “[...] o olho, segundo a deliciosa expressão de Stevenson, *iguaria canibal*, é de nossa parte objeto de tamanha inquietude que jamais o morderemos.”³⁸ Reforçando a peculiaridade do órgão, cita o *Cão Andaluz*, filme de vanguarda feito por Buñuel, em contraponto aos desenhos de Grandville para a revista popular de 1908, *O olho da polícia*. De seu lado, o conto, em trincas de fragmentos, simula o morador comum da periferia metropolitana atual, empenhado numa espécie de autobiografia metonímica – o olhar místico (“Uma vista vê a rachadura roxa no barranco, crescendo igual pé de manjerição e dali sai minha mãe falecida, me traz cuscuz”);³⁹ a opinião do telespectador infantilizado (“Quando acaba essa zorra de passeata? Já devia ter começado o seriado do justiceiro”)⁴⁰ e o prisma colado ao prestígio da mídia (“A terceira vista eu maquieo igual meus contratados da novela das sete”).⁴¹

Pode-se dizer que o grau de radicalidade crítica que aproxima, sem dúvida, duas escritas tão diferentes, está marcado no tom burlesco dos títulos – “O dedão do pé” e “A unha encravada e o esmalte”. O argumento de Bataille contra o humanismo idealista resulta da percepção de que a postura ereta dos humanos não lhes garante a vantagem das alturas incontaminadas,

³⁸ BATAILLE. *Documents*, p. 98.

³⁹ ROSA. *Reza de mãe*, p. 87.

⁴⁰ ROSA. *Reza de mãe*, p. 87.

⁴¹ ROSA. *Reza de mãe*, p. 87.

pois o que lhes serve de apoio são os pés fincados no chão: “Mas, qualquer que seja o papel desempenhado por seu pé na ereção, [...] olha para ele como um escarro sob o pretexto de que tem esse pé na lama.”⁴² Na mesma linha de questionamento dos saberes hegemônicos, Allan da Rosa, empenhado em reelaborar a linguagem das periferias híbridas, sugere a minimização do orgulho humano, fixando o incômodo grotesco no detalhe – “Uma unha, encravada, agoniza quando roça no bico da bota da firma” – ou contrapondo a vaidade fútil à dor de ganhar o sustento – “Outra unha sonha o esmalte importado do shopcent” – e, ainda, a indicação do beco sem saída: “A terceira unha deve tá contaminada, infeccionando.”⁴³ Para reduzir o homem ao que se consideraria uma dimensão autocrítica, tanto o pensador francês, quanto o jovem ficcionista brasileiro fixam-se nos pontos frágeis do corpo. A força das escritas, que, cada um a seu modo elabora, é o gume afiado das questões-chave propostas em desafio ao leitor e à crítica literária contemporânea.

Referências

- AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo? e outros ensaios*. Tradução de Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó, SC: Argos, 2009.
- BATAILLE, Georges. *Documents*. Tradução de João Camillo Penna e Marcelo Jacques de Moraes. Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2018.
- HOLLIER, Denis. O valor de uso do impossível. In: BATAILLE, G. *Documents*. Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2018.
- KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. *A queda do céu: palavras de um xamã yanomami*. Tradução de Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- KUMU, Umúsin Panlõn; KENHÍRI, Tolamãn. *Antes o mundo não existia*. Introdução de Berta Ribeiro. São Paulo: Livraria Cultura, 1980.
- MONTE, Nietta Lindenberg; KAXINAWÁ, Joaquim Paula Mana (coord.). *Shenipabu miyui: História dos antigos*. Rio Branco: Comissão Pró-Índio do Acre, 1995.

⁴² BATAILLE. *Documents*, p. 119.

⁴³ ROSA. *Reza de mãe*, p. 86.

PENNA, João Camillo; MORAES, Marcelo Jacques. Posfácio. *In*: BATAILLE, G. *Documents*. Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2018.

ROSA, Allan da. *Reza de mãe*. São Paulo: Nós, 2016.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. O recado da mata. *In*: KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. *A queda do céu; palavras de um xamã yanomami*. Tradução de Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

YEMONJÁ, Mãe Beata de. *Caroço de dendê: a sabedoria dos terreiros*. 2. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2002.

Recebido em: 31 de janeiro de 2019.

Aprovado em: 12 de agosto de 2019.